

They Are Their Own Judges

By Elder David A. Bednar
Of the Quorum of the Twelve Apostles

“Eles são seus próprios árbitros”

Élder David A. Bednar
Do Quórum dos Doze Apóstolos

October 2025 general conference

If we have exercised faith in Jesus Christ, made and kept covenants with God, and repented of our sins, the judgment bar will be pleasing.

The Book of Mormon concludes with inspiring invitations from Moroni to “come unto Christ,” “be perfected in Him,” “deny [ourselves] of all ungodliness,” and “love God with all [our] might, mind and strength.” Interestingly, the final sentence of his instruction anticipates both the Resurrection and Final Judgment.

He said, “I soon go to rest in the paradise of God, until my spirit and body shall again reunite, and I am brought forth triumphant through the air, to meet you before the pleasing bar of the great Jehovah, the Eternal Judge of both quick and dead.”

I am intrigued by Moroni’s use of the word “pleasing” to describe the Final Judgment. Other Book of Mormon prophets likewise describe the Judgment as a “glorious day” and one that we should “look forward [to] with an eye of faith.” Yet often when we anticipate Judgment Day, other prophetic descriptions come to mind, such as “shame and awful guilt,” “dread and fear,” and “endless misery.”

I believe this stark contrast in language indicates that the doctrine of Christ enabled Moroni and other prophets to anticipate that great day with eager and hopeful anticipation instead of the fear they warned of for those not spiritually prepared. What did Moroni understand that you and I need to learn?

I pray for the assistance of the Holy Ghost

Se tivermos exercido fé em Jesus Cristo, feito e guardado convênios com Deus e nos arrependido de nossos pecados, o tribunal do julgamento será agradável.

O Livro de Mórmon termina com convites inspiradores de Morôni para “[vir] a Cristo”, “[ser] aperfeiçoados nele”, “[negar] a toda iniqüidade” e “[amar] a Deus com todo o [nossa] poder, mente e força”. É interessante observar que a última frase dessa instrução antecipa tanto a Ressurreição quanto o Julgamento Final.

Ele disse: “E agora me despeço de todos. Logo irei descansar no paraíso de Deus, até que meu espírito e meu corpo tornem a unir-se e eu seja carregado triunfante pelo ar, para encontrar-me convosco no agradável tribunal do grande Jeová, o Juiz Eterno tanto dos vivos como dos mortos”.

Fico intrigado com o uso que Morôni faz da palavra “agradável” para descrever o Julgamento Final. Outros profetas do Livro de Mórmon também descrevem o Julgamento como “glorioso dia” e algo que devemos “[olhar] para o futuro com os olhos da fé”. No entanto, quando antecipamos o Dia do Julgamento, outras descrições proféticas vêm à mente, como “vergonha e terrível culpa”, “terrível espanto e medo” e “miséria eterna”.

Acredito que esse claro contraste na linguagem indica que a doutrina de Cristo permitiu a Morôni e a outros profetas esperar por aquele grande dia com esperança e entusiasmo, em vez do temor contra o qual advertiram os que não estivessem espiritualmente preparados. O que Morôni entendeu que nós precisamos aprender?

Oro para que o Espírito Santo me auxilie

as we consider Heavenly Father's plan of happiness and mercy, the Savior's atoning role in the Father's plan, and how we will "be accountable for [our] own sins in the day of judgment."

The Father's Plan of Happiness

The overarching purposes of the Father's plan are to provide His spirit children with opportunities to receive a physical body, learn "good from evil" through mortal experience, grow spiritually, and progress eternally.

What the Doctrine and Covenants refers to as "moral agency" is central in God's plan to bring to pass the immortality and eternal life of His sons and daughters. This essential principle also is described in the scriptures as agency and the freedom to choose and to act.

The term "moral agency" is instructive. Synonyms for the word "moral" include "good," "honest," and "virtuous." Synonyms for the word "agency" include "action," "activity," and "work." Hence, "moral agency" can be understood as the ability and privilege to choose and act for ourselves in ways that are good, honest, virtuous, and true.

God's creations include both "things to act and things to be acted upon." And moral agency is the divinely designed "power of independent action" that empowers us as God's children to become agents to act and not simply objects to be acted upon.

The earth was created as a place whereon Heavenly Father's children could be proved to see if they would "do all things whatsoever the Lord their God shall command them." A primary purpose of the Creation and of our mortal existence is to provide us the opportunity to act and become what the Lord invites us to become.

The Lord instructed Enoch:

"Behold these thy brethren; they are the workmanship of mine own hands, and I gave unto them their knowledge, in the day I created them; and in the Garden of Eden, gave I unto man his agency;

"And unto thy brethren have I said, and also given commandment, that they should love one another, and that they should choose me, their Father."

The fundamental purposes for the exercise

ao considerarmos o plano de felicidade de misericórdia do Pai Celestial, o papel expiatório do Salvador no plano do Pai e como seremos "[responsáveis] por [nossos] próprios pecados no dia do juízo".

O plano de felicidade do Pai

Os propósitos essenciais do plano do Pai são: proporcionar a Seus filhos espirituais oportunidades de receber um corpo físico, aprender a distinguir "o bem do mal" por meio da experiência mortal, crescer espiritualmente e progredir eternamente.

O "arbítrio moral", como descrito em Doutrina e Convênios, é um elemento central no plano de Deus para levar a efeito a imortalidade e vida eterna de Seus filhos e filhas. Esse princípio essencial também é mencionado nas escrituras como arbítrio e a liberdade para escolher e agir.

O termo "arbítrio moral" é instrutivo. Os sinônimos para a palavra "moral" incluem: "bom," "honesto" e "virtuoso". Os sinônimos para a palavra "arbítrio" incluem: "ação," "atividade" e "trabalho". Portanto, o "arbítrio moral" pode ser entendido como a habilidade e o privilégio de escolher e de agir por nós mesmos de modo bom, honesto, virtuoso e verdadeiro.

As criações de Deus incluem "tanto as coisas que agem como as que recebem a ação". E o arbítrio moral, divinamente concedido, é o "poder de agir de modo independente" que nos capacita como filhos de Deus a nos tornarmos agentes para agir e não simplesmente objetos que recebem a ação.

A Terra foi criada como um lugar onde os filhos do Pai Celestial poderiam ser testados para ver se eles fariam "todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes [ordenasse]". O propósito principal da Criação e de nossa existência mortal é nos proporcionar a oportunidade de agir e nos tornar o que o Senhor nos convida a nos tornarmos.

O Senhor instruiu Enoque:

"Olha estes teus irmãos; eles são a obra de minhas próprias mãos e eu dei-lhes seu conhecimento no dia em que os criei; e no Jardim do Éden dei ao homem seu arbítrio;

E a teus irmãos disse eu e também dei mandamento que se amassem uns aos outros que escolhessem a mim, seu Pai".

Os propósitos fundamentais para o exer-

of agency are to love one another and to choose God. And these two purposes align precisely with the first and second great commandments to love God with all our heart, soul, and mind and to love our neighbor as ourselves.

Consider that we are commanded—not merely admonished or counseled but commanded—to use our agency to love one another and choose God. May I suggest that in the scriptures, the modifying word “moral” is not merely an adjective but perhaps also a divine directive about how our agency should be used.

A familiar hymn is titled “Choose the Right”—for a reason. We have not been blessed with moral agency to do whatever we want whenever we will. Rather, according to the Father’s plan, we have received moral agency to seek after and act in accordance with eternal truth. As “agents unto [ourselves],” we should engage anxiously in good causes, “do many things of [our] own free will, and bring to pass much righteousness.”

The eternal importance of moral agency is highlighted in the scriptural account of the pre-mortal council. Lucifer rebelled against the Father’s plan for His children and sought to destroy the power of independent action. Significantly, the devil’s defiance was focused directly on the principle of moral agency.

God explained, “Wherefore, because ... Satan rebelled against me, and sought to destroy the agency of man, ... I caused that he should be cast down.”

The adversary’s selfish scheme was to strip away from God’s children the capacity to become “agents unto themselves” who could act in righteousness. His intent was to consign Heavenly Father’s children to be objects that could only be acted upon.

Doing and Becoming

President Dallin H. Oaks has emphasized that the gospel of Jesus Christ invites us both to know something and to become something through the righteous exercise of moral agency. He said:

“Many Bible and modern scriptures speak of a final judgment at which all persons will be re-

cíco do arbítrio são o de amar uns aos outros e o de escolher a Deus. E esses dois propósitos estão alinhados com precisão com o primeiro e o segundo grande mandamento de amar a Deus com todo nosso coração, nossa alma e nosso pensamento, e de amar nosso próximo como a nós mesmos.

Lembrem-se de que somos ordenados — não apenas admoestados ou aconselhados, mas ordenados — a usar nosso arbítrio para amar uns aos outros e escolher a Deus. Gostaria de sugerir que nas escrituras, “moral”, como palavra modificadora, não é meramente um adjetivo, mas talvez também uma diretriz divina sobre como nosso arbítrio deve ser usado.

O conhecido hino “Faze o bem, escolhem do que é certo” tem esse título por uma razão. Não recebemos a bênção do arbítrio moral para escolher tudo o que quisermos, sempre que quisermos. Em vez disso, de acordo com o plano do Pai, recebemos o arbítrio moral para buscar a verdade eterna e agir de acordo com ela. Sendo “[nossos] próprios árbitros”, devemos nos ocupar zelosamente em boas causas, “fazer muitas coisas de [nossa] livre e espontânea vontade e realizar muita retidão”.

A importância eterna do arbítrio moral é destacada no relato encontrado nas escrituras a respeito do conselho pré-mortal. Lúcifer se rebelou contra o plano do Pai para Seus filhos e procurou destruir o poder de agir independente. De maneira significativa, a rebeldia do diabo estava concentrada diretamente no princípio do arbítrio moral.

Deus explicou: “Portanto, por ter Satanás se rebelado contra mim procurado destruir o arbítrio do homem, (...) fiz com que ele fosse expulso”.

O plano egoísta do adversário era tirar dos filhos de Deus a capacidade de se tornarem “seus próprios árbitros” e de poderem agir em retidão. Sua intenção era fazer com que os filhos do Pai Celestial fossem objetos que só poderiam receber a ação.

Fazer e tornar-se

O presidente Dallin H. Oaks ressaltou que o evangelho de Jesus Cristo nos convida aconhecermos tornarmos algo por meio do exercício justo do arbítrio moral. Ele disse:

“Em muitas passagens da Bíblia e das escrituras modernas, lemos sobre um juízo final em

warded according to their deeds or works or the desires of their hearts. But other scriptures enlarge upon this by referring to our being judged by the condition we have achieved.

“The prophet Nephi describes the Final Judgment in terms of what we have become: ‘And if their works have been filthiness they must needs be filthy; and if they be filthy it must needs be that they cannot dwell in the kingdom of God’ [1 Nephi 15:33; emphasis added]. Moroni declares, ‘He that is filthy shall be filthy still; and he that is righteous shall be righteous still’ [Mormon 9:14; emphasis added].”

President Oaks continued: “From such teachings we conclude that the Final Judgment is not just an evaluation of a sum total of good and evil acts—what we have done. It is an acknowledgment of the final effect of our acts and thoughts—what we have become.”

The Savior’s Atonement

Our works and desires alone do not and cannot save us. “After all we can do,” we are reconciled with God only through the mercy and grace available through the Savior’s infinite and eternal atoning sacrifice.

Alma declared, “Begin to believe in the Son of God, that he will come to redeem his people, and that he shall suffer and die to atone for their sins; and that he shall rise again from the dead, which shall bring to pass the resurrection, that all men shall stand before him, to be judged at the last and judgment day, according to their works.”

“We believe that through the Atonement of Christ, all mankind may be saved, by obedience to the laws and ordinances of the Gospel.” How grateful we should be that our sins and wicked deeds will not stand as a testimony against us if we are truly “born again,” exercise faith in the Redeemer, repent with “sincerity of heart” and “real intent,” and “endure to the end.”

Godly Fear

Many of us may expect that our appearance before the bar of the Eternal Judge will be similar to a proceeding in a worldly court of law.

que todas as pessoas serão recompensadas de acordo com seus atos, suas obras ou os desejos de seu coração. Mas outras escrituras ampliam essa ideia e afirmam que seremos julgados pela condição que tivermos alcançado.

O profeta Néfi descreveu o Julgamento Final com base no que nos tornamos: ‘E se suas obras tiverem sido imundas, e lesserão imundos; e se forem imundos, não poderão habitar o reino de Deus’ [1 Néfi 15:33; grifo do autor]. Moroni declarou: ‘Aquele que é imundo ainda será imundo; e aquele que é justo ainda será justo’ [Mórmon 9:14; grifo do autor].

O presidente Oaks continua: “À luz desses ensinamentos, concluímos que o Julgamento Final não é apenas um balanço do total de atos bons e ruins, ou seja, do que fizemos. É a constatação do efeito final de nossos atos e pensamentos, ou seja, do que nos tornamos”.

A Exiação do Salvador

Nossas obras e nossos desejos por si só não podem e não vão nos salvar. “Depois de tudo o que pudermos fazer”, somos reconciliados com Deus somente por intermédio da misericórdia e da graça disponíveis por meio do sacrifício expiatório infinito e eterno do Salvador.

Alma declarou: “Começai a acreditar no Filho de Deus, que ele virá para remir seu povo e que ele sofrerá e morrerá para expiar os pecados deles; e que ele se levantará dos mortos, proporcionando-nos a ressurreição; que todos os homens comparecerão diante dele, a fim de serem julgados no último dia, o dia do julgamento final, segundo suas obras”.

“Cremos que, por meio da Exiação de Cristo, toda a humanidade pode ser salva, pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho.” - Devemos ser profundamente gratos pelo fato de que nossos pecados e atos iníquos não se levantarão como testemunho contra nós, se realmente “[nasceremos] de novo”, exercermos fé no Redentor, arrependendo-nos com “sinceridade de coração” e “verdadeira intenção”, e se “[perseverarmos] até o fim”.

Temor do Senhor

Muitos podem achar que nossa presença diante do tribunal do Juiz Eterno será semelhante a um julgamento aqui na Terra. Um juiz

A judge will preside. Evidence will be presented. A verdict will be rendered. And we likely will be uncertain and fearful until we learn the eventual outcome. But I believe such a characterization is inaccurate.

Different from but related to the mortal fears we often experience is what the scriptures describe as “godly fear” or “the fear of the Lord.” Unlike worldly fear that causes alarm and anxiety, godly fear invites into our lives peace, assurance, and confidence.

Righteous fear encompasses a deep feeling of reverence and awe for the Lord Jesus Christ, obedience to His commandments, and anticipation of the Final Judgment and justice at His hand. Godly fear grows out of a correct understanding of the divine nature and mission of the Redeemer, a willingness to submit our will to His will, and a knowledge that every man and woman will be accountable for his or her own mortal desires, thoughts, words, and acts in the Day of Judgment.

The fear of the Lord is not a reluctant apprehension about coming into His presence to be judged. Rather, it is the prospect of ultimately acknowledging about ourselves “things as they really are” and “as they really will be.”

Every person who has lived, who does now live, and who will yet live upon the earth “shall be brought to stand before the bar of God, to be judged of him according to [his or her] works whether they be good or whether they be evil.”

If our desires have been for righteousness and our works good—meaning we have exercised faith in Jesus Christ, made and kept covenants with God, and repented of our sins—then the judgment bar will be pleasing. As Enos declared, we will “stand before [the Redeemer]; then shall [we] see his face with pleasure.” And at the last day we will “be rewarded unto righteousness.”

Conversely, if our desires have been for evil and our works wicked, then the judgment bar will be a cause of dread. We will have “a perfect knowledge,” “a bright recollection,” and “a lively sense of [our] own guilt.” “We shall not dare to look up to our God; and we would fain be glad if we could command the rocks and the mountains to fall upon us to hide us from his presence.” And at the last day we will “have [our] reward of evil.”

vai presidir. Evidências serão apresentadas. Será dado um veredito. E, até que nos seja revelado o resultado final, provavelmente sentiremos incerteza e temor. Mas acredito que tal caracterização seja imprecisa.

Diferente dos temores mortais, mas a eles relacionado, com frequência vivenciamos o que as escrituras descrevem como temor “temor do Senhor”. Ao contrário do temor do mundo, que cria alarme e ansiedade, o temor do Senhor é uma fonte de paz, certeza e confiança.

O temor justo abrange um sentimento profundo de reverência e veneração pelo Senhor Jesus Cristo, a obediência a Seus mandamentos e a expectativa do Julgamento Final e da justiça nas mãos Dele. O temor do Senhor advém da compreensão correta da natureza e missão divinas do Redentor, do desejo de submeter nossa vontade à Dele e da compreensão de que todo homem e toda mulher prestarão contas de seus desejos, seus pensamentos, suas palavras e suas ações no Dia do Julgamento.

O temor do Senhor não é sentir uma apreensão relutante quanto a estar na presença Dele para ser julgado. Na verdade, esse temor é a ideia de que reconheceremos com clareza coisas a nosso respeito “como realmente são” e “como realmente serão”.

Todos os que viveram, que vivem agora ou viverão nesta Terra “serão levados diante do tribunal de Deus, a fim de serem julgados por ele de acordo com as suas obras, sejam elas boas ou sejam elas más”.

Se nossos desejos tiverem sido justos e nossas obras, boas — isto é, se tivermos exercido fé em Jesus Cristo, feito e guardado convênios com Deus e nos arrependido de nossos pecados —, então o tribunal do julgamento será agradável. Como declarou Enos, estaremos “[na presença do Redentor]; então [veremos] a sua face com prazer.” E, no último dia, seremos “[recompensados] com retidão”.

Por outro lado, se nossos desejos tiverem sido maus e nossas obras, pecaminosas, o tribunal do julgamento será motivo de grande temor. Teremos um “conhecimento perfeito”, uma “viva lembrança” e um “vivo sentimento de [nossa] própria culpa”. “Não nos atreveremos a olhar para o nosso Deus; e dar-nos-íamos por felizes se pudéssemos ordenar às pedras e montanhas que caíssem sobre nós, para esconder-nos de sua presença.” E, no último dia, teremos a “[nossa]

Ultimately, then, we are our own judges. No one will need to tell us where to go. In the Lord's presence, we will acknowledge what we have chosen to become in mortality and know for ourselves where we should be in eternity.

Promise and Testimony

Understanding that the Final Judgment can be pleasing is not a blessing reserved only for Moroni.

Alma described promised blessings available to every devoted disciple of the Savior. He said:

“The meaning of the word restoration is to bring back again evil for evil, or carnal for carnal, or devilish for devilish—good for that which is good; righteous for that which is righteous; just for that which is just; merciful for that which is merciful.

“... Deal justly, judge righteously, and do good continually; and if ye do all these things then shall ye receive your reward; yea, ye shall have mercy restored unto you again; ye shall have justice restored unto you again; ye shall have a righteous judgment restored unto you again; and ye shall have good rewarded unto you again.”

I joyfully witness that Jesus Christ is our living Savior. Alma's promise is true and applicable to you and me—today, tomorrow, and for all eternity. I so testify in the sacred name of the Lord Jesus Christ, amen.

recompensa do mal”.

Por fim, então, seremos nosso próprio árbitro. Não haverá necessidade de alguém nos dizer para onde devemos ir. Na presença do Senhor, reconheceremos o que escolhemos nos tornar na mortalidade e saberemos por nós mesmos onde estaremos na eternidade.

Promessa e testemunho

Entender que o Julgamento Final pode ser gradável não é uma bênção exclusiva para Moroni.

Alma descreveu as bênçãos prometidas, disponíveis a todo discípulo dedicado ao Salvador. Ele disse:

“O significado da palavra restauração é restituir o mal ao mal ou o carnal ao carnal ou o diabólico ao diabólico — o bom ao que é bom; o reto ao que é reto; o justo ao que é justo; o misericordioso ao que é misericordioso. (...)

[Aja] com justiça, [julgue] com retidão e [pratique] o bem continuamente; e se fizeres todas estas coisas, receberás teu galardão; sim, a misericórdia ser-te-á restituída novamente; a justiça ser-te-á restituída novamente; um julgamento justo ser-te-á restituído novamente; e novamente serás recompensado com o bem”.

Testifico com alegria que Jesus Cristo é nosso Salvador e que Ele vive. A promessa de Alma é verdadeira e se aplica a vocês e a mim — hoje, amanhã e por toda a eternidade. Disso presto testemunho no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo, amém.